

AS LOUCURAS DE INFÂNCIA SÃO O BERÇO DE UM ADULTO FELIZ

Andréia Azevedo Soares

► ***O menino maluquinho*, de Ziraldo**

Este livro marcou profundamente a nossa infância – digo “nossa” porque eu e o Toninho, o meu irmão, partilhávamos quase todos os livros. Recordo-me de que o exemplar que tínhamos lá em casa já apresentava as páginas coloridas e capa velhinha. Era natural... líamo-lo vezes sem conta e amávamos as travessuras do menino que tinha “macaquinhos no sótão”, ou seja, travessuras na cabeça. Além do traço inconfundível de Ziraldo, autor brasileiro nascido em Minas Gerais, creio que o fascínio de “O Menino Maluquinho” vem sobretudo da ideia de que as loucuras de infância são o berço de um adulto feliz.

► ***O papel roxo da maçã*, Marcos Bagno (1990, ilustrações de Cláudio Martins)**

Quando éramos pequenos, as maçãs vinham embrulhadas num papel roxo extremamente delicado, com uma textura muito semelhante à do papel de arroz. Nunca descobrimos o porquê deste cuidado. Creio que era uma forma de conservar melhor os vegetais durante o transporte, devendo a cor roxa ter alguma relação com a luz ou a temperatura. Neste livro de Marcos Bagno, encontramos uma personagem – a Rosinha, um nome escolhido em homenagem ao escritor Guimarães Rosa – que recupera esta relação sensorial das crianças com as frutas. A narrativa também permitiu que entrássemos em contacto uma zona do Brasil que não conhecíamos: a beleza da paisagem do Cerrado, em Goiás, na região Centro-Oeste do país.

► ***Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado**

Este foi talvez o livro mais importante que li em sala de aula, mas, por algum motivo que me escapa, o seu título varreu-se-me. Em conversa com a minha mãe, ela ajudou-me a reavivar a memória. É a história de uma menina, que, durante uma arrumação na casa feita pela mãe, encontra objectos e figuras de antigamente, entre os quais o retrato de uma menininha linda segurando uma boneca. Curiosamente, esta personagem descobre, também durante uma conversa com a mãe, que rapariga na foto é a sua bisavó Beatriz. À medida que a menina convive mentalmente com a bisavó (passado), que passa a morar com ela (nela), também dialoga com sua bisneta imaginada, que a chama de bisa Bel (futuro), e assim a menina vai aprendendo a conviver consigo mesma (presente). Assim, “de trança em trança”, a menina Bel tece uma “Trança de gente”, entrecruzando, num processo dialético, níveis de realidades temporais diferentes.

► ***Lúcia já Vou Indo*, de Maria Heloísa Penteadó**

Amava as ilustrações que nos apresentavam a Lúcia, uma lesma que andava tão devagar, mas tão devagar, que sempre chegava atrasada mais de 24 horas atrasada aos compromissos. Um dia houve uma festa na floresta e os amigos, solidários, ajudaram-na a chegar a tempo de participar. Uma história muito simples que mostra como as pessoas podem se organizar para colmatar as deficiências umas das outras. Sem culpa ou piedade.

► ***A mulher que Matou os Peixes*, de Clarice Lispector**

O primeiro livro que li da Clarice. Uma ótima introdução para que nenhuma criança corra o risco de chegar a adulto com medo de entrar no “coração selvagem” dos textos claricianos. Há uma parte em que a narradora pede ao leitor para dizer baixinho o seu próprio nome, com a promessa de que ele será escutado... recordo-me de ter enfiado o nariz no ângulo que os livros fazem quando abertos e ter sussurrado: “Andréia”. Só Clarice para conseguir que o leitor aceda com tamanha confiança ao pacto do real imaginado. E, além disso, há a fundamental mensagem de *A mulher que matou os peixes*: a falha, o lapso, o erro e o esquecimento são inerentes à essência humana.

► ***As Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato**

As reinações eram de Narizinho mas a minha personagem favorita sempre foi a Emília, a boneca de pano que toma a pílula do Dr. Caramujo e torna-se falante. Irreverente, a Emília roubava a cena às outras figuras de Monteiro Lobato: inventava palavras e tinha frases fantásticas (“a verdade é uma espécie de mentira bem pregada das que ninguém desconfia” é uma delas).

► ***Tchau*, de Lygia Bojunga Nunes (1985)**

O livro compõe-se de quatro contos sem relação entre si, que se agrupam, dois a dois, quanto ao estilo. “Tchau” e “O bife e a pipoca”, de cunho mais realista, e “Lá no mar” e “A troca e a tarefa”, em que o fantástico prepondera. Eu só me recordo de “O Bife e a Pipoca”, um conto que mostrava a disparidade económica entre dois amigos. Marcou-me muito a ideia de um menino da favela ter vergonha de levar o amigo à casa onde vivia, pois nada tinha a oferecer. Fundamental para todas as crianças, mas sobretudo para as que crescem em cidades como Rio de Janeiro ou São Paulo.

► **A Inspectora**

Era uma série meio policial, na qual um grupo de jovens resolvia casos estranhos que ocorriam na fazenda da avó. Recordo-me de ter devorado num só ano lectivo vários títulos da série: *A inspectora e a coroa da madona*; *A inspectora e a mula-sem-cabeça*; *A inspectora e as luzes no morro das borboletas*; *A inspectora e o mistério da comenda* e *A inspectora e os anjos da cidade fantasma*. Contudo, a minha paixão por livros policiais ficou mesmo por aqui.

► **O Génio do Crime, de João Carlos Marinho**

Eu e o meu irmão fizemos uma pequena tertúlia para lembrar por que é que este livro era difícil de largar (era outro exemplar velho da biblioteca lá de casa). Mas não conseguimos recuperar grande coisa: sabemos que é um policial que envolve um grupo de crianças curiosas e um esquema de crime organizado para falsificar cromos. O meu irmão fala de uma banheira com ácido (provavelmente nas instalações da gráfica clandestina), mas eu não tenho memória de algo tão cruel num livro para adolescentes. Havia, isso sim, a personagem de um rapaz gordinho que é torturado, ficando apenas com a unha negra.

► **Fernão Capelo Gaivota, de Richard Bach**

Recordo-me de transcrever excertos desta obra para diários e cartas, mas, relendo o livro mais tarde, não compreendi o que o tornava tão especial para mim. Era, de qualquer forma, uma das nossas referências para falar de liberdade ou escrever cartões de amizade. Vale, pelo menos, pelas fotografias.



Andréia Azevedo Soares (Rio de Janeiro, 1976) é jornalista dos quadros do *Público* desde 2003 e apresentadora do programa *Quatro Vezes Ciência*, exibido semanalmente pela RTPN. Começou a trabalhar em comunicação social há cerca de dez anos, no *Jornal do Brasil*, onde actuou nas secções de Ciências e Cultura. Foi ainda responsável pela secção de saúde da revista *Boa Forma* (Editora Abril/São Paulo) entre 1997 e 1999.

Concluiu em 2002 o Mestrado em Estudos Luso-Brasileiros na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.